

O processo tradutório, em suas várias modalidades linguísticas e culturais, tem sido essencial para o trânsito das teorias de gênero e o encontro dos movimentos feministas num mundo cada vez mais amplo e mais próximo. Um dos propósitos iniciais da *Revista Estudos Feministas*, já expresso por Lena Lavinias no editorial do número zero, em 1992, foi o de difundir no país os estudos feministas e de gênero que se desenvolviam em outros lugares, além de servir de veículo de difusão para outros países do que estava sendo produzido no Brasil. Até o volume 6, de 1998, a REF incluía encartes com alguns de seus artigos traduzidos para o inglês, processo mais recentemente retomado por meio da publicação online pelo SciELO de uma seleção anual de artigos dos três números da Revista.

Este primeiro número do volume 19/2011 da Revista traz várias traduções de autoras/es pouco publicadas/os em português, como Beatriz Preciado e um grupo de pesquisadoras/es de países de língua inglesa, principalmente Canadá, Estados Unidos e Austrália, que desenvolvem a perspectiva *queer* em suas reflexões sobre ecologia e meio ambiente.

Assim, ratificando o crescente interesse pelos estudos *queer* e a centralidade de sua teoria nas análises culturais contemporâneas, abrimos este número com a tradução de “Multitudes *queer*”, de Beatriz Preciado, que propõe inovadores e interessantes conceitos para se pensarem as políticas identitárias neste início de século.

A seguir, utilizando-se dos conceitos de Monique Wittig, de Judith Butler e da própria Beatriz Preciado, no artigo “Ética corporal y sexuación: plasticidad y fluidez en el sujeto del postfeminismo”, Isabel Balza examina éticas corporais alternativas como possibilidades de romper ou transcender o binarismo sexual que ainda hoje nos condiciona.

Um olhar para o desviante também caracteriza o trabalho de Edlene Oliveira Silva, que discute as representações – demonizadas – de mulheres nas *Ordenações Afonsinas*, código jurídico português elaborado no século XV, que definiu e classificou detalhadamente vários crimes considerados

tipicamente femininos, entre os quais o adultério, o concubinato e a alcovitagem.

Em uma abordagem histórica mais recente, Joana Carolina Schossler e Sílvia Marcus de Souza Correa analisam, em “Dos cuidados com o corpo feminino em reclames na *Revista do Globo* da década de 1930”, algumas das representações da mulher moderna, principalmente da emergência de um novo corpo feminino, com base na publicidade da revista de maior circulação no Rio Grande do Sul à época.

Situado na área da etnologia marítima, o artigo de Esmeralda Broullón Acuña, “La política sexual y la segregación ocupacional en las sociedades pesqueras”, examina a pesca como um sistema cultural que incide nos processos cognitivos das populações marítimas da Península Ibérica. Com ênfase nos movimentos de êxodo, focaliza o trabalho feminino e o papel desempenhado pelas mulheres, demonstrando a ambiguidade do lugar que ocupam, entre as esferas produtivas e reprodutivas.

Marilda Ionta, baseada no conceito de “literatura menor” de Deleuze e Guattari, examina as cartas escritas por Anita Malfatti para Mário de Andrade, argumentando que a escrita epistolar pode ser tão transgressiva quanto a denominada “grande literatura”. Segundo Ionta, “essa escrita de caráter privado está associada à construção de uma escultura de si, de uma estética da existência para usar o conceito formulado por Michel Foucault”. Pode, portanto, ser lida como uma manifestação contra-hegemônica e política, uma vez que produz “uma subjetividade feminina autônoma que resiste às subjetivações ligadas à família, ao Estado e à Igreja”.

Fechando a seção de artigos deste número, Carla Villalta analisa os debates e dilemas envolvidos nas práticas de adoção de crianças na Argentina. Partindo de problemas com a própria terminologia legal para designar os diferentes tipos de adoção, investiga o significado de tais práticas em uma sociedade que ela define como “atravessada por profundas desigualdades sociais”, questionando o critério da livre escolha e fazendo uma reflexão sobre os direitos das mulheres para as quais a entrega de uma criança em adoção constitui uma escolha entre um leque limitado de opções.

No ensaio “Bravos novos mundos: uma leitura pós-colonialista sobre masculinidades ocidentais”, Diego Santos Vieira de Jesus analisa o papel das masculinidades ocidentais em dois momentos de expansão da ordem internacional, as expansões coloniais dos séculos XVI a XIX e o processo de globalização nos séculos XX e XXI. O autor defende a maior consideração, a partir de uma perspectiva pós-colonialista, dos temas relacionados a gênero na área de Relações Internacionais, ressaltando que tal perspectiva deve permitir a incorporação de possibilidades mais robustas de transformação

dos papéis da masculinidade ocidental no processo de expansão da ordem internacional.

Na seção Ponto de Vista, a REF tem sistematicamente apresentado, desde 1998, uma sequência de entrevistas com pesquisadoras/es da área e, entre mais de duas dezenas de entrevistadas/os, na maioria mulheres, contam-se poucas brasileiras. Quando fechávamos o último número do volume 18/2010 da Revista, recebemos a notícia da morte de Heleieth Saffioti e, consternadas, só pudemos incluir uma nota sobre seu falecimento. Tal situação se repete agora, na publicação do primeiro número de 2011, quando temos a triste tarefa de noticiar o falecimento de nossa companheira de lutas e reflexões Karin Smigay, em Belo Horizonte. Karin, como a maioria de nós, feministas acadêmicas militantes¹ brasileiras, teve sua trajetória cruzada com a de Heleieth, que foi sua orientadora no doutorado realizado em São Paulo. São duas importantes vozes que precisaríamos ter ouvido e cujas trajetórias pessoais e acadêmicas deveríamos ter divulgado nas páginas da REF.

No que se refere a Heleieth, pudemos contar com a generosidade das organizadoras da coletânea *Depoimentos: trinta anos de pesquisas feministas brasileiras sobre violência*, Miriam Pillar Grossi, Luzinete Simões Minella e Rozeli Porto, e da editora Zahidé Lupinaccci Muzart, para preenchermos essa lacuna, por meio da reedição da entrevista realizada em 2004 pelas então doutorandas Juliana Cavilha Mendes e Simone Becker, participantes do trabalho de investigação “Mapeamento nacional de pesquisas e publicações sobre violências contra mulheres”, do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS), publicada em 2006 pela Editora Mulheres, de Florianópolis. O depoimento de Heleieth mostra como nossas trajetórias, em suas singularidades, são atravessadas pelo social e pelo político.

A seção temática Ecoqueer, composta por artigos escritos em inglês cuja tradução foi organizada inicialmente como dossiê para ser publicado em revista acadêmica da Universidade de Brasília (UnB), projeto que não se concretizou, foi proposta à REF por sua organizadora, Alice Gabriel. A proposta foi aceita pela qualidade dos textos e pela importância e atualidade do tema. Os trabalhos representam, como ressalta Alice Gabriel na apresentação, uma pequena amostra dessa nova perspectiva teórica, desafiadora e estimulante tanto do ponto de vista intelectual quanto político.

Para quem se acostumou a relacionar ecofeminismo e feminismos da diferença (e temos encontrado traços dessa

¹ Expressão cunhada por Lúcia Afonso em depoimento a Adriano Henrique Nuernberg (In: NUERNBERG. *Gênero no contexto da produção científica brasileira em Psicologia*. 2005. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, UFSC).

relação em muitos textos voltados para a análise de mulheres no meio rural, por exemplo), os artigos desta seção temática apresentam realmente uma novidade, na medida em que o ecofeminismo *queer* propõe a dissolução radical das oposições natureza/cultura, animal/humano, através da proposta de incorporação da dimensão da sexualidade às análises ecológicas, numa adesão à crítica *queer* da normatização/naturalização da heterossexualidade, norma que se projeta para as representações e classificações que construímos sobre os mundos animal e vegetal, em suas interações entre si e com o humano.

Desejando uma agradável e proveitosa leitura, fechamos este número com resenhas sobre trabalhos variados que têm o gênero como temática. Como sempre, registramos nossos agradecimentos à equipe editorial e técnica da REF, bem como a todas/os que nos apoiam com suas submissões, pareceres e traduções.

Mara Coelho de Souza Lago
Susana Bornéo Funck